

Os bancos discutem em Paris a crise de pagamentos dos latinos

por Hugh O'Shaughnessy
do Financial Times

As estratégias a serem adotadas pelos bancos ocidentais em relação aos países fortemente endividados da América Latina e de outras regiões em desenvolvimento serão examinadas em uma reunião de dois dias a ser iniciada hoje, em Paris.

O Banque Nationale de Paris e o Crédit Lyonnais organizaram a reunião, que conta com a presença de catorze bancos comerciais. Esse grupo é formado por instituições de grande porte que presidem comissões de bancos credores de vários países em desenvolvimento.

A reunião contará também com a presença de Ernest Stern, vice-presidente operacional do Banco Mundial, e Richard Erb, vice-diretor gerente do Fundo

Monetário Internacional (FMI). O Banco Mundial e o FMI participam do encontro como convidados.

O Grupo dos 14 reúne-se periodicamente para discutir a situação dos países devedores do Terceiro Mundo. Os organizadores do encontro assinalaram em particular que a reunião em Paris não tem nenhum vínculo direto com o anúncio feito pelo novo presidente peruano, Alan García, domingo passado, de que limitaria os pagamentos do serviço da dívida do país a não mais de 10% da receita de exportação peruana. Tanto a data quanto o local foram definidos antes da declaração de García, disseram os organizadores.

Mas as crescentes dificuldades financeiras do Peru e outros tomadores latino-americanos — que,

em conjunto, devem cerca de US\$ 370 bilhões — serão um dos principais temas do encontro.

Como sempre, a reunião será cercada por um forte sigilo e nenhum dos bancos franceses aceitou fazer comentários ontem.

O presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), Antonio Ortiz Mena, declarou em Montevideu na semana passada que a América Latina está atravessando a pior recessão desde a década de 30 e que o desemprego está atingindo um nível que ameaça tornar-se incontrolável, social e politicamente.

O grupo de Cartagena, formado por países devedores latino-americanos, se reúne nesta semana, em Lima, e deverá pedir uma nova rodada de conversações com os dirigentes políticos dos países credo-

res, além de um acordo para facilitar os termos de pagamento da dívida externa da região. O presidente uruguai, Julio Sanguineti, declarou anteontem, em Quito, que "o dilema não é 'pagar ou não pagar'. Em lugar disso, devemos desenvolvermo-nos para poder pagar".

Apesar das urgentes reivindicações da América Latina para o abrandamento dos termos de pagamento da dívida, a radical convocação do presidente cubano, Fidel Castro, para o repúdio da dívida foi virtualmente ignorada pelos demais governos da região.

Nenhum governo dos países mais endividados da América Latina está representado em alto nível na conferência sobre a dívida convocada pelo líder cubano em Havana, na terça-feira.